

A batuta da morte a orquestrar a vida

Altair Macedo Lahud Loureiro¹

LOUREIRO, A.M.L. The baton of death orchestrating life. *Interface - Comunic., Saúde, Educ.*, v.12, n.27, p.853-62, out./dez. 2008.

With quotations from other scholars of death, I have composed and I present some quick notes on death as the organizer of life. I hold the idea that death is needed for life to have meaning within this human search for completeness. I turn my eye towards a special situation relating to death: the reaction of individuals who witness and feel the death of one of their elders; people within the family or not who had taken on the task of caring for and being with the elderly person at the imminent end, and who humanely but powerlessly witness the time of solitary departure. A solitary death, but solely and particularly of that elderly person who was being cared for and of that person's natural end, as a human being.

Key words: Death. Life. Caregivers. Elderly person.

Com colocações de outros estudiosos da morte, teço e apresento apontamentos rápidos sobre a morte a organizar a vida. Esposo a idéia da necessidade da morte para que a vida tenha sentido nesta busca humana da completude. Endereço o olhar para uma situação especial de relação com a morte: a reação dos que ficam ao presenciar e sentir a morte de um dos seus idosos; daquele familiar, ou não, que assume o seu cuidado e acompanha o seu fim iminente; que presencia, humanamente impotente, a hora da solitária partida. Solitária morte, pois que exclusiva, própria daquele idoso do qual cuidava, do seu fim natural, por ser humano.

Palavras-chave: Morte. Vida. Cuidadores. Idoso.

¹ Licenciada em Pedagogia. Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Gerontologia, Universidade Católica de Brasília. SHIN QI 08, conjunto 08, casa 13 Brasília, DF. 71.520-280 altaira@uol.com.br

Introdução

“Se queres suportar a vida, prepara-te para a morte”
Freud

“Deves uma morte à natureza”
Shakespeare

“Enquanto nós estamos, a morte não está; mas quando a
morte chega, nós não estamos mais”
Epicuro

Nas colocações aqui expostas, pretendo não fazer apologia da morte, ou homenageá-la, e sim exaltar a vida nesta vida sobrada aos muitos que ficam a prantear os que ela já levou consigo. Mas é possível eufemizar o medo, ou lutar contra o medo da morte, pelo menos na medida em que este horror cultural, com relação à morte, nos deixe viver, não à espera dela, mas apesar dela e no convívio com ela, que surge de formas variadas, mas que nunca ou quase nunca é bem-vinda. A saudade e as lembranças dos nossos amores que se foram preenchem nossa alma, mais completamente, no dia dos mortos.

Considero, portanto, oportuno falar um pouco sobre este fenômeno natural inexorável a todos nós. Falar sobre a morte é o que nos resta, pois impossível descrever, na primeira pessoa, o que seja a morte vivenciada, impossível de ser contada pelo seu ator.

A intenção é dividir fragmentos dos achados em meus estudos e pesquisa sobre o tema. Para embasar esta fala, faço minhas as colocações e as posições de outros estudiosos da morte, tecendo com eles a trama destes apontamentos rápidos sobre a morte a organizar a vida. Preocupa-me o idoso ante a morte, não por associar a velhice com a morte, mas por coerência com minhas pesquisas e ações acadêmicas sediadas na Gerontologia - ciência dedicada ao estudo e entendimento do fenômeno da velhice, do processo de envelhecimento e das situações e realidades do ser humano velho no mundo -, quando busco identificar as idéias de vida e da morte no imaginário de idosos, assim como de seus cuidadores. Daí estudar e pesquisar o imaginário de grupos de idosos e daqueles que os cercam; neste momento, daqueles que lhes assistem nos períodos finais da vida, sempre na busca da qualidade de vida positiva na velhice. Dedico-me a pesquisar como as pessoas em volta do idoso e as pessoas com mais idade carregam o mundo; quais as suas visões de mundo ante a idéia da própria morte e a realidade da morte presenciada ou sabida dos outros; como representam em imagens e símbolos este conjunto relacional de imagens emergidas em: seus devaneios, sonhos, postura ante a vida, desabafos, fala, histórias de vida e, mesmo, em desenhos, escritos ou teste².

² Trata-se do Arquétipo Teste de Nove Elementos - AT-9 -, criado por Yves Durand, apresentado em *O velho e o aprendiz* (Loureiro, 2004).

A morte não escolhe idade

Todos morreremos, bem o sabemos. Trata-se de uma situação democrática da natureza humana, onde classe social, importância adquirida, beleza e idade não contam. Neste mundo racional, que esmaga as emoções e nega a alteridade, a velhice vem sendo confundida com doença e relacionada com a morte, quando se sabe que a morte não escolhe idade sempre que resolve satisfazer - como metaforicamente colocada - sua gula insaciável com mais uma presa humana. Ela

não pára e, com apetite voraz, engole mesmo quem se considerava imortal. Esta é a marca do horror da morte que se imprime no imaginário pela cultura ocidental. Da mesma forma, os males da saúde atingem indiscriminadamente velhos, jovens e crianças.

A morte, evento universal para os seres vivos, não se refere apenas aos idosos. Em qualquer idade, ela, a inominável, a famigerada, a horrenda - qualificativa bem ocidental - pode se apresentar sem pedir licença e sem se incomodar com o muito ou pouco tempo vivido por sua vítima.

Messy (1993, p.3) conta que, exercendo a psicologia gerontológica, se perguntava: "quanto anos restavam ainda a estes velhos?", com quem trabalhava. Perguntava-se: "quem seria a próxima vítima? Tamanha é a fragilidade do ser humano que foi a mais jovem [...] quem morreu primeiro, vítima de um acidente estúpido".

O homem sabe-se mortal, mas se considera imortal. Quem morre é outro, não eu! Postura despropositada, pois, nesta era de incertezas profundas, nossa única certeza é a da morte. "A morte é um acontecimento universal por excelência: a única coisa da qual nós estamos verdadeiramente certos, ainda que ignoremos o dia e a hora, o porquê e o como se deve morrer [...]" (Thomas, 1980, p.7). "Sei que vou morrer não sei a hora [...]", diz a música, mas bendito seja este desconhecimento. Saber-se mortal já traz o homem perturbado, imagina se soubéssemos o dia e a hora da nossa morte? Transcrevendo Freud, Mannoni (1995, p.8) registra que "no inconsciente não há representação da morte, ou seja, [...] lá onde habita o desejo, o sujeito se crê imortal [...] a condição de mortal leva o sujeito a buscar no desejo sua imortalidade". Portanto, "o homem não acredita na própria morte" (p.7) e teima em entender, acreditar que só os velhos morrem.

O imaginário e os vivos mortais

O ser humano teme a sua finitude, a sua morte, e a afasta do campo consciente eufemizando-a na tentativa de postergá-la ou nem pensando nela, mas há os que lutam na ilusão de vencê-la. As reações são variadas ante a morte, dependendo do imaginário de cada um. Estas são atitudes estruturadas de forma diferente, que se representam com imagens diferentes, o que se percebe nos modos de carregar a vida e se posicionar no mundo, na sociedade e diante de si mesmos.

Dá a possibilidade de as imagens representacionais da morte se aglutinarem em diferentes durandianos "Regimes - diurno ou noturno" (Durand, 1989, p.44), apresentando-se de forma positiva ou negativa. Idéias de vida ou de morte formam constelações de imagens diferentes que emergem nas representações simbólicas dos cuidadores e dos próprios idosos, deixando ver ou se ler miticamente, identificando a estrutura antropológica do imaginário dos indivíduos e/ou dos grupos. Segundo Durand (1989), o imaginário é a arma **concedida ao homem para vencer o medo da morte e o passar do tempo**. Este imaginário pode se apresentar, arquetipicamente, de forma heróica - com a presença da luta, tentando vencer o monstro do medo, o perigo; pode emergir de forma mística - eufemizando o perigo, não lutando, desconsiderando o monstro da morte, do perigo; ou deixando-se ver miticamente de forma disseminatória, representado, por vezes, de forma heróica, em outras, de forma mística, simultânea ou diacronicamente; pode ainda vir à luz de maneira "defeituosa", ao que Yves Durand (1988, p.129) denomina de "universo da não estruturação". Assim entendendo, procurei saber a que tempo o autor estava se referindo e, após estudos prolongados, e sempre complementados, escrevi "A velhice, o tempo e a morte" (Loureiro, 1998), onde me detenho em compreender o tempo e identificar que Durand se referia ao nosso tempo judaico-cristão. Em pesquisa de campo, levantei, em Brasília, com o Arquétipo Teste de Nove Elementos - o teste AT-9 criado por Yves Durand (1988) - o imaginário, as imagens de vida e de morte, de um grupo de idosos (Lahud, 1993); analisando, miticamente, as imagens emergidas, representadas nos protocolos do teste, busquei entender o fenômeno da morte, a relação dos sujeitos idosos com a morte, para melhor compreender a vida e o ser humano. Considerei a importância de penetrar nesse fenômeno tido como proibido, até por meio do falar. Identifiquei, então, o universo mítico do grupo de professores aposentados, com mais de sessenta anos, vivendo em Brasília.

O fenômeno da morte passou a ser objeto dos meus estudos. Procuo adentrar sua natureza, reconhecer suas características e analisar os seus rituais nos tempos e nos espaços, bem como entender

a postura dos tanatocratas, donos da morte nos hospitais, e ampliar e aprofundar a leitura do tema, visitando tanatólogos em seus escritos e resultados de pesquisas. Aos poucos, fui compreendendo que temer o desconhecido faz parte da natureza humana. Entretanto, esconder a cabeça como a avestruz impede a oportunidade de se avançar no conhecimento do fenômeno. São naturais o medo e o mal-estar que sentimos ao tentarmos tocar os interditos; e a morte continua a ser um interdito, um proibido: "Já não são as crianças que nascem dentro dos repolhos, mas os mortos que desaparecem entre as flores" (Thomas, 1980, p.7).

Múltiplas e diversas dimensões da morte

Não é fácil encontrar o passo, o compasso e o ritmo certo para transitar na cadência do indescritível, do que não pode ser narrado pelo protagonista do fato: falar da morte na primeira pessoa. Falar da morte é sempre algo estranho a nós mesmos, porque só a conhecemos nos outros, fora de nós. Para Morin (1970, p.25), "a morte não é uma idéia, mas sim uma 'imagem', como diria Bachelard, uma metáfora da vida, um mito, se quisermos", mas ela está aí, por aí, bem longe ou bem perto de nós. Ela é parte da vida, ela orchestra a nossa existência de forma harmônica ou sem harmonia, colocando-nos no compasso ou descompasso da vida.

Considero bonita e interessante a maneira como Paula Carvalho (1999), naturalmente, compara a vida ao sol, a velhice ao crepúsculo, com o anoitecer, com o pôr-do-sol, que, na verdade, imita, ou é imitado, pela vida no seu processo urobórico de, constantemente, nascer, subir, ficar a pino e descender no poente do horizonte visível, indo renascer em outras paragens, com outras cores e calor: "ascensão-declínio-renascimento do outro lado" (Paula Carvalho, 1999, p.38). É o movimento, o inacabamento, a incompletude presente na natureza, entendida também como natureza humana, que se transforma sempre... mas continua. Koury (2001, p.41) cita Fernando Pessoa, que poetisa dizendo que "tudo quanto vive, vive porque muda, muda porque passa, e porque passa... MORRE. O perene é um desejo e a eterna ilusão".

Tratar de entender o fenômeno da morte exige postura multidisciplinar, que, na interdimensionalidade, respeite a sua múltipla e diversa realidade - biopsíquica-antropossocial - sem esquecer a individualidade própria presente em cada caso: o uno no múltiplo, como em todos os casos que envolvem a pessoa humana.

A matriz de tempo e espaço é importante na consideração da morte, visto que as atitudes e os rituais diante dela vêm se revezando nos tempos e nas culturas, conforme as interações que os homens mantenham uns com os outros e a relação de pertencimento ou separação com a natureza; seu apego a bens, crenças inquebrantáveis, valores cristalizados, dogmas indiscutíveis e de sua religião. Há os que a vêem tradicionalmente como inimiga; vêem a morte como o castigo, a purgação pelo pecado original. Talvez por entendê-la assim, como uma inimiga, é que o homem ocidental a enfrenta lutando com todas as forças, o que torna, muitas vezes, o que deveria ser um tranqüilo ritual de passagem, em uma batalha santificada. Mas, "o cristão crê na ressurreição da carne, crê na ressurreição do corpo" (Oliveira, 1999, p.50) e vê na eucaristia "[...] prenúncio de um fim, anúncio e proclamação de uma nova plenitude... já acontecendo". Por outro lado, em alguns países, existe a realidade aceita da eutanásia, quando os médicos chamam para si o direito de abreviar a vida, em nome do não prolongamento do sofrimento, o que é discutível, pois vários são os fatores intervenientes neste processo delicado e complexo.

Não só o espaço/cultura altera a idéia de morte, mas o tempo também trabalha a mudança das mentalidades em relação à morte. Antigamente, conforme nos conta Áries (1977), a morte era grande cerimônia, quase pública, presidida pelo morto que estava prevenido, que sabia que sua morte estava próxima; o moribundo presidia e comandava sua morte. Depois, o homem, à beira da morte, é privado de seus direitos, passa a ser tutelado como uma criança, como se já houvesse perdido a razão, a responsabilidade. O comando da morte deixa de ser do moribundo e é assumido pela família; o doente é privado de preparar a sua morte; o que devia ser solene é escamoteado; o doente morre na ignorância e há o não sentir que se está morrendo. Hoje, a morte é uma comédia dramática, onde se representa o papel daquele que não sabe que vai morrer. O humano moribundo, perto da morte ou

morrendo, é desconsiderado nos seus desejos finais, estigmatizada a sua presença em um bachelardiano "complexo de cultura" (Roy, 1977, p.97) evidente, massacrante. Morre-se às escondidas na clandestinidade. Lembro aqui A morte de Ivan Illitch, célebre romance de Tolstoi (1963). No século passado, os hospitais passam a ter um papel de importância em relação à morte, que deixa de ser um acontecimento natural no cotidiano familiar. A responsabilidade com a morte, que do moribundo passa para a família, é agora entregue ou tomada pelos hospitais. Mas já existem pacientes terminais recebendo, na própria casa, tratamentos paliativos, que tornam a fase final da vida menos traumática do que nas Unidades de Tratamento Intensivo, as UTIs hospitalares. Atualmente, já se encontram profissionais da saúde refletindo e agindo de forma diferente frente ao moribundo. Burlá (2006, p.1079) se refere a novas "formas de morrer" e registra que "o risco de complicações clínicas" em pacientes terminais:

[...] e o conseqüente comprometimento da qualidade de vida obrigam os profissionais envolvidos a terem uma atuação mais particularizada e uma postura humanística diante da situação que se apresenta, e apontam para a necessidade de contínuo acompanhamento do paciente.

A autora defende ser necessário "reconhecer que o processo de morrer é tão importante como dar um diagnóstico" Gomes (2004, p.82), referindo-se ao papel do médico diante do paciente em processo terminal de vida, alude ao papel de "dar consolo, mesmo quando a medicina não mais consegue oferecer cura". Estes assim denominados cuidados paliativos, em franca abertura, são posturas alvissareiras neste mister de acompanhar e dar voz até o fim a quem está prestes a se deparar com a morte.

A morte é um fenômeno natural decorrente da natureza biológica do ser humano, mas morrer procede tanto da cultura como da natureza. Para Ziegler (1977, p.130), "a morte é uma mascarada que se aproxima de nós com a máscara construída pela sociedade [...] ", pois:

[...] o ser humano, na diversidade cultural dos díspares povos, submerso no seu contexto, impregnado pelo seu entorno característico e cioso de suas matrizes profundas dentro de si mesmo - os arquétipos -, aceita, ou não, os fatos; luta, ou não reage, contra coisas estranhas a si ou aos outros povos. (Loureiro, 1998, p.56)

Jankélévitch (1977) escreve que falar da morte pode ser um problema **filosófico**, mas lembra que a morte é também um problema **biológico** "como o nascimento, a puberdade e o envelhecimento"; que "a mortalidade é um fenômeno **social** na mesma medida que a natalidade, o casamento ou a criminalidade" (p.5-6). Morin (1970, p.10) diz que "[...] a sociedade funciona não apenas apesar da morte e contra a morte [...], mas também que só existe como organização pela morte com a morte e na morte". Jankelevitch (1977, p.5) continua dizendo que, "para o médico, o fenômeno letal é um fenômeno determinável e previsível [...] em função da duração média de vida e das **condições gerais do meio**". Diz ainda o estudioso da morte que, do ponto de vista jurídico-legal, "a morte é um fenômeno simplesmente natural e um fenômeno empírico normal, ao qual a impessoalidade das **estatísticas** e dos meios envolve todo o caráter de tragédia". Morin (1970, p.16-7) também anota que "não só a biologia se encarrega da morte, mas a antropologia, em igual medida, chama para si sua análise [...]. A morte é a característica mais humana, mais cultural do **anthropos** [...]".

Mas cada época apresenta uma postura diante da morte e, em cada lugar, a mentalidade forma-se e se expressa conforme a sociedade e a cultura. De uma aceitação resignada do destino mortal, vai-se ao desespero da finitude, chegando, hoje, no Ocidente, ao quase silêncio: ao proibido. Existe, é claro, uma relação estreita entre a individualidade do homem e o seu horror pela morte, relação também constatada, no espaço, entre o grau de individualidade conseguida pelo homem e o tipo de sociedade em que vive; na matriz de tempo e espaço, história e cultura. "Há uma sociedade que respeita o homem e aceita a morte: a africana; e outra mortífera, tanatocrática, onde a morte atormenta e terrifica: a ocidental" (Thomas, 1980, p.527). O homem, em uma sociedade ocidental, tendo esmagada a sua

individualidade, não pode perceber a morte em sua profundidade, sendo conduzido, pelo coletivo, a uma visão conveniente (para a sociedade), que reprime seus sentimentos e que o avilta, o que, segundo Durand (1989, p.29), representa “a pressão do meio cósmico e social”, no “trajeto antropológico”; trajeto antropológico este entendido como o caminho circular simbiótico entre o interior desejante do homem e as pressões externas impostas pelo cosmos e sociedade. O velho asilado, abandonado, como qualquer homem com sua identidade destruída, auto-estima em baixa, pode desejar a própria morte.

A sociedade manipula a imagem da morte como quer que esta se apresente, de acordo com a força do cultural, que o homem experimenta, sendo por ela reduzido à sua simples funcionalidade. Hoje, “o homem é incapaz de integrar a sua morte numa globalidade diversa da funcionalidade mercantil” (Ziegler, 1977, p.307).

A morte a orquestrar a vida

Da relação do ser humano com a idéia e a realidade inevitável da morte, decorre a sua postura ante a vida. “É nas atitudes e crenças perante a morte que o homem se distingue mais nitidamente dos outros seres vivos, é aí mesmo que ele exprime o que a vida tem de mais fundamental” (Morin, 1970, p.25). Esta é a postura não igual entre os homens - atitudes diferentes entre os povos que expressam as maneiras de pensar culturalmente determinadas de cada povo. Desvendando o seu imaginário, pode-se compreender melhor: suas atitudes, os rituais, e as diferentes posições, a convivência, as fugas, os medos ou a aceitação das situações da vida e da morte.

Gomes (2004, p.71-2) afirma que “a morte não é um inimigo a ser vencido, mas parte integrante de nossas vidas que dá significado à existência humana” e lembra que “a morte estabelece um limite em nosso tempo de vida e impele-nos a fazer algo produtivo nesse espaço de tempo, enquanto dispusermos dele [...], mas a nossa sociedade tem medo da morte e luta contra ela o tempo todo”. A autora diz, ainda, que o ser humano nega a morte, mas esta negação “empobrece nossas vidas”.

Thomas (1980, p.12-4) anota que “conhecendo melhor a morte, o homem não se orientará mais a dela fugir ou ocultar; ele apreciará, pode ser, melhor a vida, ele a respeitará mais”. Portanto, como, freudianamente, transcreve Mannoni (1995, p.10), “se queres suportar a vida, prepara-te para a morte”.

A antropologia do imaginário considera o imaginário como resultante da postura do homem ante a morte, ao medo da morte, e à descoberta do imaginário como a maneira de o sujeito ou os grupos carregarem a vida, o mundo em suas costas, o que, para o autor das estruturas antropológicas do imaginário - Durand -, é mais importante que apenas identificar, nos grupos e indivíduos, a estrutura antropológica do seu imaginário subjacente aos universos míticos encontrados. Estes mitos a comparecer e formar tais universos são os responsáveis pela maneira de ser e estar no mundo de cada um ou de cada grupo.

Enquanto alguns indivíduos e grupos se apavoram com a presença da morte, outros tentam desvendá-la ou eufemizá-la para sua superação, e outros, ainda, aceitam-na passivamente. As atitudes variadas - de horror, aceitação ou descaso - em relação à morte decorrem não somente da individualidade de cada homem ou mulher, mas também da consideração que cada sociedade tenha da morte. A mentalidade altera-se ou ajusta-se, dependendo de fatores, a princípio, externos ao homem, mas que, com o tempo, se sedimentam nele pela cultura envolvente: pelas situações ideológicas, filosóficas e econômicas.

Segundo Morin (1970, p.16-7):

[...] uma dialética biocultural constitui o ser humano e que, no decurso dessa dialética, a energia de características culturais [...] existe a condicionar a compleição biológica do homem [...], e que os princípios antropológicos agem através do espaço e do tempo, e as estruturas arcaicas, os arquétipos permanecem sob as estruturas atuais.

Os autores estudados endereçaram meu olhar para as diferenças de mentalidades sobre o fenômeno; repito, portanto, que não só a natureza biológica está presente na morte, mas que a cultura a marca e a determina. Com Freud (1984, p.219), se anota expressão de Shakespeare, já registrada em epígrafe neste texto: "Deves uma morte à natureza".

Os cuidadores de idosos, a afeição e a perda

Os velhos saudáveis e cuidados na família parecem ter uma idéia mais distante de medo da morte, e sim se angustiar com a possibilidade ou iminência de perder este cuidado abnegado dispensado pelos que lhes são caros. "O que torna a velhice sinônimo de sofrimento é mais o abandono que a doença; a solidão que a dependência" (Minayo, 2002, p.14). Nesta sociedade modificada no tempo - em que família não é mais a mesma coisa que em tempos idos, em que os familiares estão ocupados com a sobrevivência e podem estar deixando de, pessoalmente, dispensar o cuidado, a companhia tão prezada pelo parente idoso -, entra o papel do cuidador profissional: pessoa que, não sendo parente, precisa encarnar este papel, somando, aos seus conhecimentos, treinamentos, leituras e muito amor. Ao se fragilizarem com a doença ou a dependência, os velhos precisam, como todos nós em qualquer idade, em idênticas circunstâncias, de cuidados especiais, do convívio dependente com quem os cuide - os cuidadores, que, na velhice, assumem a assistência, como os anjos da guarda, do alívio da dor, da compreensão e carinho, senão da simples presença que livra da solidão, ou interlocutores, profissionais ou não, que sabem ouvir com os ouvidos d'alma.

É digno de admiração e respeito quem neste mister se inclui, abnegadamente, com decisão de alma; com vontade, solidariedade, além da sua sobrevivência. Trata-se não só de um sacerdócio, mas de atividade profissional que, portanto, merece a justa recompensa na consideração de seus substantivos "cuidados" especializados adquiridos em formação esmerada e desempenhados com dedicação amorosa. A ação de cuidar de idosos - sejam estes doentes terminais ou não - não se pode dar no improviso apenas amoroso, por mais que o carinho, a emoção e a afeição dos que cuidam sejam devotados aos idosos, mas do preparo consciente e consistente nas atitudes, habilidades e destrezas na profissão/trabalho/tarefa escolhida.

Mas, convém pensar a respeito dos sentimentos despertados nesse ser humano que, abnegada, profissional e conscientemente, cuida dos seus e de estranhos velhos, que passam a ser também seus, pessoas idosas que são cuidadas cotidianamente por eles, os cuidadores de idosos. Sentimentos contraditórios podem completar o quadro na evidência da perda, da morte dos seus velhos, como: dor, falta, saudades, alívio, culpa, solidão, medo, impotência, conflito, angústia e possíveis outros. Como esses cuidadores reagem interiormente? Como representam, no seu imaginário, o fato do fim desta vida tão próxima a eles? Como reagem diante da morte desses já seus idosos?

Esta é uma curiosidade acadêmica que, satisfeita, enriquecerá o conhecimento sobre a situação tanática: conhecer as representações imagéticas e simbólicas perante a finitude do outro; neste caso, descobrir o imaginário do cuidador ante a morte de um de seus "pacientes" idosos.³

A perda é sempre uma morte, um fim; é um sentimento avassalador em todas as circunstâncias; e maior ela fica como sentimento negativo, quando não permite a recuperação, em igual medida, do perdido. Ao se presenciar o sofrimento e a agonia do outro, o medo nos toma conta, pois a morte do outro nos traz presente a nossa condição humana finita.

³ Na Universidade Católica de Brasília orientei a dissertação de mestrado em gerontologia da fisioterapeuta Ana Paula Terra (2007), que tratou de conhecer o imaginário, as idéias de vida e de morte de um grupo de cuidadores de idosos, em Ipatinga - MG.

Mas se nada podemos contra o inexorável, convém que, com conhecimento de causa, lidemos com ele dentro de nós mesmos. É comum e humano que nos preocupemos com a própria morte; temos as nossas concepções individuais, mas contaminadas pela cultura, da nossa morte, da nossa condição finita, limitada, da incompletude; mas do que tratamos aqui é da idéia da perda pela morte de um de nossos velhos, daquele ser idoso do qual cuidamos por muito, ou, mesmo, por pouco tempo.

É natural que a afeição ocorra após um tempo de convívio, convivência desigual entre uma pessoa saudável, o cuidador, e o moribundo, ou paciente terminal, que, às vezes, não tem nada de paciente, e sim de impaciente; mas coloquemo-nos no seu lugar, na empatia recomendada e humana da tarefa de cuidar. O outro se trata de um paciente terminal, ou talvez, por isso mesmo, adquirimos o vínculo e, ao perdermos o paciente, esta perda nos afeta. Kübler-Ross (1987) enumera estágios ante a morte, pelos quais o paciente passa, ao saber-se morrendo ou que vai morrer: “a negação, a raiva, a barganha, a depressão e a resignação”; por estes mesmos estágios passam os cuidadores de pessoas em fase terminal. Mesmo sabendo tratar-se de um paciente terminal, a expectativa da chegada deste término, deste fim da vida, mexe com as emoções, e a razão se embota na esperança iludida de que o seu paciente, já amado, que já faz parte do seu cotidiano e das suas afeições, não vai morrer. Insana ilusão, pois tudo quanto nasce, cresce e morre - e o homem, por mais amado que seja, nesta verdade se inclui. Por fim, a resignação ante a natureza que não deixa ninguém para trás. O luto acontece e pode surgir antecipado quando se instala a angustiante espera por algo que se sabe de antemão acontecerá (Py, 1999).

A morte está sempre longe de nós nas nossas esperanças; quem morre são os outros, aqueles humanos que não nos pertencem, que não fazem parte de nós, como se isso fosse possível. Nós a empurramos com força - ou com cuidado para não despertá-la - para distante dos nossos olhos e coração. O sofrimento da perda talvez seja maior que o medo da própria morte. É comum se ouvir: não tenho medo de morrer, mas de sofrer ou ficar dependente. E a perda do outro me faz sofrer! Perder a mãe, o pai, o irmão, o filho, o amigo: nem pensar!

Para finalizar

É preciso processar bem a idéia da não-culpa, o vazio que fica no rastro da morte de nossos próximos, parentes ou não, e nos socorrermos do equilíbrio sempre propugnado, cuidado, conservado e ampliado durante nossa formação de cuidador e no período da ação, do ato e do processo dinâmico de cuidar. Ter presente a consciência da inevitabilidade daquela morte, como, enfim, da morte de todos nós; adquirir a clarividência que permita auscultar os verdadeiros sofrimentos do nosso “paciente” com atenção aos possíveis disfarces encabulados do sofrimento. Vivemos em uma cultura em que ser forte e perfeito, com muita energia, é o modelo cobrado, e, neste contexto, a pessoa humana sente a fragilidade da sua condição de velho e de velho doente. É preciso saber dar vez à tênue voz do idoso acamado, facilitando, de toda forma, as suas queixas, ouvindo-o como ele merece. As alianças conseguidas com os familiares do doente e demais profissionais vão auxiliar na intervenção delicada, na ação de cuidar do idoso terminal. O tempo de espera dos familiares e dos profissionais precisa ser equacionado sem o desespero, a revolta e tudo o que, de negativo - apesar de natural e humano - possa ocorrer dada à proximidade, sem data, da chegada inexorável da morte. É estranha, complexa e sofrida a espera do inexorável, que queremos que não aconteça. É aquela vontade de encerrar a sete chaves, no nosso coração, a vida eterna daqueles que amamos. Como despertar todo dia com a certeza de que a morte está rondando e que, a qualquer momento, pode tomar conta da situação e levar, entre seus afiados dentes, aquele ser que aprendemos a querer na vida? Naquela vida já tênue e obscurecida pela doença, sofrimento e dor, na fase em que necessitam nosso cuidado, solidariedade, carinho e atenção redobrada.

Dinâmica é a tarefa do cuidador, pois que lida com seres humanos, neotênicos, quer dizer, com criaturas que mudam e que, a cada dia, podem se apresentar de forma e humor diferentes. “Os vivos, com efeito, podem assistir aquele que vai morrer, mas é na solidão que este dá o último passo, ‘sutilizado’, com muita freqüência, diante dos que o cercam. É como um ‘ladrão de casaca’ que a morte se conduz nesses casos” (Mannoni, 1995, p.16). Escutá-los é fundamental, em sua fala, por vezes, já

calada em casa ou na rua, ou pela fragilidade da sua potência que não mais tem condição de competir, de ser ouvida em uma sociedade competitiva, com vozes mais fortes, ou com um discurso competente. O importante é deixá-los falar, proferir a última palavra, permitir-lhes vida até o final; nada lhes esconder e ver neles, mesmo ao morrer, a dignidade de ser humano, “isto é, como falantes” (Fuks, 1995, p.10); considerá-los, ainda nessa hora, como cidadãos. O que vamos ouvir pode surgir desencontrado, mas é o último esforço para estar conectado ao mundo, à vida que em nós existe e que para ele está prestes a fugir, se esgotar. Como repetia Octave Mannoni “o diabo não me terá”, enquanto o páraço de aldeia, reportado por Georges Bernanos, lembrado por Oliveira (1999, p.52), dizia: “que importa? Tudo é graça!”. A perda então acontece e, como cuidadores zelosos, que até o fim ali estivemos a aparar o último suspiro, sofremos o desagradável contato com a morte, mas, “passado o primeiro horror de alguma perda grave, na treva da impotência e inconformismo, começam a abrirem-se frestas por onde a antiga claridade se derrama no agora” (Luft, 2004, p.105). E a vida continua até a ‘próxima vítima’ ser escolhida pela ‘gulosa insaciável’”.

Como cantava Gonzaguinha e ainda hoje se ouve, “ninguém quer a morte, só saúde e sorte”.

Referências

ÁRIES, P. **Essai sur l'histoire de la mort en occident: du Moyen Age à nous jours**. Paris: Le Seuil, 1977.

BURLÁ, C. Palição: cuidados ao fim da vida. In: FREITAS, E. et al. (Orgs.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p.1079-89.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. Trad. Helder Godinho. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

_____. **L'exploration de l'imaginaire: introduction à la modélisation des univers mythiques**. Paris: L'Espace Bleu, 1988.

FREITAS, E. et al. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

FREUD, S. **La interpretación de los sueños: obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. v.4.

FUKS, B.B. Vida e morte numa profissão impossível. In: MANNONI, M. (Org.). **O nomeável e o inominável: a última palavra da vida**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. p.7-10.

GOMES, L. O amor e a finitude da vida. In: LOUREIRO, A. (Org.). **Terceira idade: ideologia, cultura, amor e morte**. Brasília: EdUnB, 2004. p.31-92.

JANKÉLÉVITCH, V. **La mort**. Paris: Flammarion, 1977.

KOURY, M.G.P. (Org.). **Imagens e memória: ensaio em antropologia visual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. Trad. Paulo Menezes. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

LAHUD, A.M. **Imagens da vida e da morte**: vetores culturanalíticos de um grupo de idosos e pistas para a criação de um espaço cultural. 1993. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1993.

LOUREIRO, A.M. **O velho e o aprendiz**: o imaginário em experiências com o AT-9. São Paulo: Zouk, 2004.

_____. **A velhice, o tempo e a morte**: subsídios para a continuidade dos estudos. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

LUFT, L. **Perdas e ganhos**. 23.ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MANNONI, M. **O nomeável e o inominável**: a última palavra da vida. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

MESSY, J. **A pessoa idosa não existe**: uma abordagem psicanalítica da velhice. Trad. José Werneck. São Paulo: Aleph, 1993.

MINAYO, M.C.; COIMBRA JR., C. (Orgs.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

MORIN, E. **L'homme et la mort**. Paris: Seuil, 1970.

OLIVEIRA, F.P. Finitude na experiência religiosa. In: PY, L. (Org.). **Finitude**: uma proposta para reflexão e prática em gerontologia. Rio de Janeiro: NAU, 1999. p.45-54.

PAULA CARVALHO, J.C. Velhice, alteridade e preconceito: dimensões do imaginário grupal com idosos. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.3, n.5, p.29-40, 1999.

PY, L. (Org.). **Finitude**: uma proposta para reflexão e prática em gerontologia. Rio de Janeiro: NAU, 1999.

ROY, J-P. **Bachelard ou le concept contre l'image**. Montreal: Presses de l'Université de Montreal, 1977.

TERRA, A.P. **O imaginário de um grupo de cuidadores de idosos asilados**. 2007. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Brasília, Brasília. 2007.

THOMAS, L.V. **Anthropologie de la mort**. Paris: Payot, 1980.

TOLSTOI, L. **A morte de Ivan Ilitch e senhores e servos**. Trad. Marques Rebelo. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1963. (Coleção Universidade de bolso)

ZIEGLER, J. **Os vivos e a morte**: uma sociologia da morte no ocidente e na diáspora Africana no Brasil e seus mecanismos culturais. Trad. Áurea Weisseberg. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

LOUREIRO, A.M.L. **La batuta de la muerte orquestrando la vida**. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.12, n.27, p.853-62, out./dez. 2008.

Con base en otros estudiosos de la muerte, expongo rápidos apuntamientos sobre la muerte como organizadora de la vida. Adopto la idea de la necesidad de la muerte para que la vida tenga sentido en esta busca humana de la complementariedad. Direcciono el estudio hacia una situación especial de relación con la muerte: la reacción de quienes se quedan al presenciar y sentir la muerte de uno de sus ancianos; la reacción de quien, familiar o no, asume su cuidado y acompaña su fin inminente; que presencia, humanamente impotente, la hora de la solitaria partida. Solitaria muerte, puesto que exclusiva propia de aquel anciano del cual cuidaba, de su fin natural como ser humano.

Palabras clave: Muerte. Vida. Cuidadores. Anciano.

Recebido em 21/11/07. Aprovado em 22/04/08.